

ARY NETO

EXPRESSO HAVANA

“LCbooks

AMOSTRA PROMOCIONAL

EXPRESSO HAVANA

Ary Neto

© 2026 Ary Neto

Todos os direitos reservados

ISBN 978-65-84222-57-1

Distribuição gratuita.

Proibida a reprodução e a comercialização.

SUMÁRIO

Prólogo	11	
CAPÍTULO 1 Além da linha vermelha	13	
CAPÍTULO 2 Sessenta dias entre céu e betume	21	
CAPÍTULO 3 Primeira marcha	27	
CAPÍTULO 4 Desertos, cordilheiras e dois canos fumegantes	35	
CAPÍTULO 5 Prisão itinerante	51	
CAPÍTULO 6 Ascensão ao meio do mundo	67	
CAPÍTULO 7 Três homens e uma sentença	79	
		CAPÍTULO 8 Estrada em transe
		91
		CAPÍTULO 9 Cuias de chicha
		105
		CAPÍTULO 10 Na natureza selvagem
		119
		CAPÍTULO 11 Assim como Che Guevara
		147
		CAPÍTULO 12 Medo e delírio na Santa Casa
		165
		Epílogo
		173
		Notas e fontes
		177

PRÓLOGO

Não havia folhas secas em nossa ilhota de rio. Por sorte, tínhamos alguns mapas na mochila, que precisaram ser sacrificados. Me ocupei de bloquear o vento, para que Emiliano pudesse acender o fogo. O isqueiro falhava, devia estar úmido. Nesse momento, uma fêmea de *Anopheles* pousou em minha nuca. Justo na minha. Usou as patinhas dianteiras como pinças para posicionar a tromba no local exato. Então sacou dois estiletes para prosseguir com a perfuração. O movimento de serragem rasgou caminho nos tecidos até atingir um vaso sanguíneo.

Agachado junto a Emiliano, me preocupava mais em proteger as chamas inquietas do que impedir aquela invasão microscópica. Temia tanto as onças, os paramilitares e a gangue dos macacos-aranha — predadores óbvios da selva — que não percebi a atuação daquela assassina. Vez ou outra, esticava o pescoço na direção do rio, esperando Bruno voltar anunciando que encontrou ajuda, mas só escutava a bicharada celebrando a chegada da noite.

A nuca não doía. Cortesia da saliva dilatadora da mosquitos: um coquetel de anestésicos e anticoagulantes aperfeiçoado ao longo das eras. O plano era perfeito: ela teria seu banquete vital para nutrir os ovos e eu seguiria sem perceber nada. Eram tantas as picadas que uma a mais não faria diferença. O problema foi que, desta vez, a gota de saliva era a cápsula em que viajava o parasita da malária. Ele navegou no sangue quentinho, em direção ao fígado. Chegando lá, se multiplicou em silêncio. Até seu bando ser suficiente para tomar de assalto minha carcaça combalida.

Senti coceira quando ela retirou os estiletes. Larguei a guarita em torno do isqueiro de Emiliano e desferi uma palmada certa. Pequena mancha vermelha. Morreu sorrindo. Como se fosse ter virada.

ALÉM DA LINHA VERMELHA

Lembro-me do dia em que descobri como Bruno era diferente das outras pessoas. Tínhamos acabado de ingressar na universidade e éramos colegas de quarto. Ele cursava economia, eu, cinema, em horários diferentes, então pouco conversávamos. Nesse dia, Foz do Iguaçu fritava a quarenta graus. Enquanto todos relaxavam na piscina do alojamento, o avistei num canto montando sei lá o quê. “Fala aí, manolo.” Agachei perto dele. “O que está aprontando?”

“Tô montando um cortador de grama que comprei na Ciudad del Este.” O Paraguai ficava a vinte minutos de ônibus. Era comum os alunos novos darem uma passada lá para comprar muambas. Mas um cortador de grama? Pensei que fosse para revender. “Olha quantas casas com jardim...”, pausou para me pedir a chave Phillips. “Vou aproveitar para fazer um dinheiro. Melhor do que ficar sem fazer nada, me incomoda ficar à toa.” Discordava em parte. Ficar sem fazer nada é muito bom, mas admirei sua determinação. Poucos ali teriam disposição para trabalho pesado no sol. Talvez só ele mesmo.

Aos poucos, cabos, parafusos, lâminas e outras peças começaram a ganhar forma. Com tudo montado, despejou gasolina no reservatório. “Vamos ver se vai explodir!” Bruno riu, o rosto brilhando de suor. Recuei por via das dúvidas. O motor pegou no tranco, ronco constante confirmando o sucesso. Com o pessoal olhando, Bruno

ergueu o cortador e saiu correndo, gritando que era o Jason. A vagabundagem toda rachou de rir.

Bruno já trabalhava em São Gonçalo, sua cidade no Rio de Janeiro. Deixou a avó cuidando da quitanda de frutas que montou na porta de casa e partiu para Foz do Iguaçu. Com as economias desse trabalho, comprou o cortador de grama. Poucos dias depois, imprimiu cartões de visita e saiu distribuindo pelas casas. Não demorou para aparecerem os primeiros trabalhos.

Na época, eu ainda não imaginava que um dia ele me chamaria para uma presepada sem tamanho. E menos ainda que eu toparia. Na primeira conversa que tivemos, ficamos uma hora falando de moto. Quando contei da viagem que fiz de São Paulo até o Rio Grande do Norte, Bruno ficou doido. Fez uma pá de perguntas. Ganhei a admiração dele ali.

O semestre passou naquela babilônia. A Universidade Federal da Integração Latino-Americana alugou um hotel inteiro para os primeiros duzentos alunos. Metade era brasileira, dos mais diversos estados; a outra metade vinha de todo canto da América Latina. Tereré, chimarrão, cachaça, *cumbia*, *reggaeton*, uma loucura. Bruno ouvia os colegas falando de seus países e ficava com um siricutico perigoso.

“Raí, sabe o que eu tava pensando?” Bruno dobrava as roupas que trouxe da lavanderia. “E se a gente comprasse uma motinha no Paraguai, bem baratinha, e saísse viajando pela América Latina?”

“Até onde?” A pergunta saiu antes que eu pudesse me censurar.

“Até o México!” Parou de dobrar as roupas e se virou pra mim. “É muito longe, né?”

“Ah, manolo, seria massa sim, claro, mas é chão, hein?!” Sentia que tinha que ser mais sensato. Ele era um garoto de vinte e um anos, enquanto eu era um senhor de vinte e sete. contei que já tinha ido de moto até o Rio Grande do Norte. Só não contei que o motor fundiu e eu precisei pegar uma carona de quatro dias até São Paulo.

Para Bruno, entreguei só a parte florida da história: o desbravamento do litoral brasileiro. Mas a treta mesmo nem era essa. Fazia dezesseis meses que eu não chegava perto de moto. A última vez foi em 28 de outubro do ano retrasado, no bairro Tatuapé, zona leste de São Paulo.

Despertei em cima da hora para o trabalho — era monitor de informática na universidade. A vontade de morrer para interromper a ressaca era grande, a de faltar no trabalho ainda maior. Aos sábados, quase não tinha movimento no laboratório. Podia ser que não aparecesse ninguém e eu nem fosse descoberto. Mas sou caxias demais e acabei indo. Subi na moto e parti debaixo de um chuveiro fino. Enquanto uma fila enorme de carros entupia a pista no sentido contrário, meu caminho seguia livre. Quando cheguei na curva que se escondia no horizonte, me deparei com um carro vindo na contramão. Para fugir do congestionamento, o esperto invadiu minha pista.

O choque era inevitável, mas os dois segundos entre ver e bater foram tempo demais para ficar em branco. Esquerda, uma fila de carros. Direita, calçada alta — ia me espatifar no muro. Frear talvez funcione, mas só se ele frear também. Ou tentar desviar um pouco e passar entre o carro e a guia da calçada; se batermos, a culpa será dele e ele vai ter que pagar o prejuízo. Tentei a manobra, mas faltou um segundo para dar certo. Seria uma bela manobra.

Chocamos de frente. O capacete, que não estava afivelado, foi o primeiro a se projetar. Cruzou a rua e caiu no pátio do posto de gasolina. A frente da moto se enfiou no motor do carro. Os dois viraram sucata na hora. Saí voando em direção ao para-brisa do Fox, mas antes me choquei contra minha própria moto. O contato entre meus genitais e o tanque de combustível causou um estrago considerável no tanque. Perfurou a lata.

Meu corpo sem moto e sem capacete planou. A recente tentativa de desviar do carro foi suficiente para que eu girasse no ar. Bati de

costas no para-brisa, dando um susto do cacete no motorista e na senhora sua esposa. Segui o movimento, passei rolando por cima do teto e aterrissei na calçada. De pé. Veículos destruídos, meu capacete do outro lado da rua, e eu em pé. Mal conseguia entender a situação. Dois segundos atrás, algo muito ruim ia acontecer, mas o que aconteceu? Queria perguntar ao motorista por que ele fez isso, mas falar daria muito trabalho. Tinha outras coisas para me preocupar, a começar por uma dor que vinha não sei de onde. Algo não estava certo comigo. Saiu um “ai”. Depois, outro “ai”. Minhas consoantes tinham sumido.

Procurei a guia da calçada para sentar, mas as pessoas insistiram para que eu deitasse. Acabei no asfalto da avenida. A polícia militar chegou primeiro. Um policial orientou que eu não me movesse e o outro enfiava o dedo na cara do motorista. Isso mesmo, dá uma prensa nesse filho da puta. Me deu um alívio idiota saber que a culpa era dele. Mas minhas costas doíam. Queria descobrir o que estava ferido, mas não deixaram. Fiquei quinze minutos ali, olhando para o céu encoberto, levando chuva miúda, até que o resgate chegou.

Respondia às perguntas do primeiro paramédico, quando o segundo apareceu com uma tesoura de jardineiro. O que ele quer com isso? Pediram calma e começaram a cortar minha calça. Todo mundo em volta, olhando, e eu no momento mais vulnerável da vida até então. Cortado o jeans, ele levantou o tecido. Olhei para baixo. Um horror. Sangue brotando do pênis em jatos ritmados — não de um corte externo, mas de dentro, saindo pela uretra no compasso dos batimentos do coração. Um gêiser que atingia um palmo de altura. Algumas pessoas viraram o rosto; outras gemeram, como se fosse com elas.

Às vezes acontecem coisas terríveis com as pessoas, e uma tinha acabado de acontecer comigo. Será que vou perder o pinto? Não serei

mais homem? Meu Deus! Todas as vezes que beijei e não comi. Que vacilo. Fui levado às pressas para o hospital do bairro. Chegando lá, não havia médico disponível, não havia raio X funcionando e não havia leito vago. Me empurravam de um lado para o outro. “É meu amigo, a coisa aqui está complicada”, disse o paramédico, já incomodado por não conseguir me dispensar. Preso na maca, eu só via as luzes do teto e me assustava quando me usavam para escancarar as portas. Escutei os socorristas batendo boca com os funcionários do hospital. Me deixaram na maca de madeira do resgate e se foram.

Depois de uma hora, um médico revoltado com meu pau ensanguentado no meio do corredor exigiu que me dessem um leito. Passei o primeiro dia sem nenhum exame, sem comida e sem água. A sede da ressaca rachava meus lábios. O alívio vinha do soro na veia, gota a gota. Demorou uma semana para os médicos decifrarem todos os estragos. Fiz cirurgia, usei sonda, levei meses para ter coragem de transar novamente. Mas me recuperei. Dali para frente, sem moto, é claro.

Essa era a verdadeira razão da minha recusa educada a Bruno. Não era prudência. Era medo puro. E assim teria permanecido, se não fosse por uma mensagem que recebi algumas semanas depois.

Uma colega de faculdade enviou a divulgação do 8º Congresso Internacional de Educação Superior, que seria realizado em Havana, Cuba, em fevereiro do ano seguinte. Li aquele e-mail, reli. Pensei como seria interessante viajar para Cuba e participar do congresso. Considerei o custo e a minha realidade financeira nada empolgante. Mas algo mais me chamou a atenção. Havana ficava praticamente à mesma distância do México proposto por Bruno. A diferença era que agora teríamos um objetivo concreto, uma data específica, um evento real para justificar a loucura. Não seria mais “Vamos viajar de moto porque sim”, mas “Estudantes universitários rumo ao congresso em Havana.”

Aquela premissa transformava tudo. Dava estrutura ao sonho e criava um projeto com começo, meio e fim. E que fim. Serviria para buscar apoio, conseguir patrocínios ou, pelo menos, justificar quando batêssemos na porta de alguém pedindo abrigo. E o mais importante: era algo maior que meus medos privados.

Fiquei com aquilo na cabeça o dia todo.

À noite, encontrei Bruno no quarto. “E aí, manolo, tudo tranquilo?”

“Firmeza, e você?”

“Tudo na paz”, respondi, guardando o material da faculdade. “Você recebeu um e-mail falando de um congresso de educação em Cuba?”

“Cara, hoje foi uma correria danada, nem deu tempo de ver nada.”

Se eu fizesse a proposta, correria o sério risco de Bruno aceitar. O livre-arbítrio é algo terrível, podemos nos enfiar nas merdas mais inimagináveis. O chafariz de sangue era uma memória presente, mas quis acreditar que a culpa foi do formato do tanque da moto. Se ele fosse mais reto em relação ao banco, nada daquilo teria acontecido.

“Então, foi a Sofia que enviou o e-mail. Acho que ela vai apresentar um trabalho lá e compartilhou o link.”

“Maneiro, você está pensando em ir?” Ele perguntou enquanto terminava de preparar sua aveia.

“Queria, mas a passagem deve ser muito cara.”

“Pode crer.”

Ele foi até a pia lavar o copo, quando joguei o primeiro verde.

“E se a gente fosse de moto?”

“Já pensou? Quanto tempo será que demora pra chegar lá?”

A conversa não era séria. Ainda dava tempo de colocar essa maluquice na sacola das maluquices, junto com todas as outras. “Manolo, lembra de quando você disse para viajarmos até o México de moto?” Ele deu atenção. “Pensei que a gente poderia ir de moto pra esse con-

gresso.” Bruno riu, esperando eu terminar com o deboche do dia, o que não aconteceu desta vez.

“É sério?”

“É sim.”

“Mas e a faculdade?”

“O congresso será no começo de fevereiro, a gente pode usar as férias para chegar lá.”

“Mas e pra voltar?”

“Acho que dá para desmontar a moto e enviar como carga. Deve pesar o que, uns cem quilos?”

“Malandro do céu.” Bruno já tinha abdicado de ir lavar o copo. Entendeu que era verdade e embarcou na ideia. Em dez minutos, levantamos as principais questões. Sabíamos que era tudo mais complicado que aquilo, mas que dava, dava. Qualquer moto chega em qualquer lugar.

“Bora então? Tá dentro?”, perguntei para selar o acordo, ainda que verbal.

“Bora!”, ele disse. “Kikiki!”, sua expressão para momentos de empolgação e alegria.

“Toca aqui, moleque.”

Era mês de agosto, e teríamos quatro meses para deixar tudo no jeito, sobretudo a moto, que ainda não tínhamos. Por ora, faríamos o que estava ao nosso alcance: contar pra todo mundo.



Cancún

?

Havana

OCEANO
ATLÂNTICO

ESTE É O PLANO

JAMAIS FOI EXECUTADO

OCEANO
PACÍFICO

Foz do Iguaçu

